

ESTUDO: INTRODUÇÃO

Uma Conferência dada a 18 de Junho de 1984

Obrigado.

Bem, também tenho prazer em vos ver. Que horas são?

Estou a chegar a um ponto em que penso em termos de períodos de tempo mais amplos. É muito divertido para mim, mas noto que o dia 16 levou dois ou três dias a passar, e o dia 17 levou dois ou três dias a passar, e agora estamos a 18, portanto é 18 de Junho A.D.14, Curso de Instrução Especial de Saint Hill.

Muito bem, a situação relativamente à audição depende de outro assunto, e esse é um assunto chamado estudo.

Se não se é capaz de aprender nada, então também não se é capaz de descobrir como fazer algo. Portanto, tal como vos falei na última conferência e vos disse que a comunicação não é a parte mais importante do processamento, mas que é absolutamente vital quando o auditor se quer aproximar de um PC para fazer algo por ele, também é verdade que o estudo funciona como a porta, aberta ou fechada, para aprender a auditar.

Se o auditor não é capaz de aprender nada, então certamente que não é capaz de auditar, independentemente da sua atitude para com a raça humana, ou do seu desejo de fazer alguma coisa pelas pessoas, ou dos seus anseios, de todas as maneiras e feitios. Todos estes seriam impedidos apenas por este único ponto: não ser capaz de aprender nada.

Portanto, para ensinar alguém a auditar, é preciso que essa pessoa seja capaz de aprender. E isto é muitíssimo elementar, incrível! É estar lá em baixo a rapar o fundo do tacho no que respeita aos fundamentos e, no entanto, todos os grandes sucessos se constroem dando atenção aos fundamentos. Tudo é construído em cima de um fundamento. A menos que se consigam isolar os fundamentos, é claro que deixamos o edifício com uma fundação incompleta - como que fica suspenso no ar daí para a frente, a não ser que se encontre o fundamento com que prosseguir. Não seria possível construir arranha-céus sem colocar uma fundação.

Bem, qual é a fundação? Essa fundação em audição é, evidentemente, o estudo: a capacidade de aprender. Sem ela o auditor passa um péssimo bocado.

O que vos vou dizer a seguir não é para entrar por um ouvido e sair pelo outro, porque é um dado da maior importância para o futuro de Cientologia. E é o conhecimento deste único ponto, deste único ponto: mais de 50% da Cientologia baseia-se na disciplina de aplicação, baseia-se na tecnologia de aplicação, baseia-se no know-how da aplicação. E isso é mais de 50% do assunto - mais de 50%.

Talvez este dado não seja muito impressionante, mas deixem-me amplificar isto e acho que vão compreender a sua importância. Podíamos entregar todos os processos que produziram resultados em Cientologia - e há muitos, muitíssimos - podíamos entregá-los na sua totalidade a um sector de profissionais de tratamento mental, com carta branca - só os processos, compreendem, só os comandos - e eles não seriam capazes de fazer nada com eles. Não seriam capazes de obter quaisquer resultados com eles, fosse de que espécie fosse.

Eles emitiriam uma declaração estúpida como fez a Universidade de Chicago (é uma faculdade. Era assim que nos referíamos a ela na Universidade de George Washington.

Costumávamos ser tolerantes com Chicago. A maior parte de nós queria ir para lá, porque só eram precisos alguns anos para nos darem o canudo, e nós andávamos chateados). Mas este organismo emitiu esta declaração estúpida: "Testámos todas as técnicas de Dianética e verificámos que não funciona". Bem, em primeiro lugar é uma estupidez, porque as técnicas de Dianética não estavam todas publicadas e eles não dispunham delas para as testar, percebem? Portanto, logo aí, não fazia sentido.

Por exemplo, sei de técnicas que foram lançadas na primeira Fundação em Elisabeth, que nunca viram a luz do dia; nunca as vi nem publicadas nem nada.

Na realidade, vi três ou quatro grupos, que se separaram de nós, começaram inesperadamente a trabalhar com material que se destinava a um PC específico, ou algo assim, e que eles depois resolveram aplicar a todos os PCs, etc. Andam por aí actualmente vários tipos de terapia que se baseiam numa única técnica desenvolvida em Elisabeth para um PC. Portanto, um organismo a dar-se ares de importante e a apregoar: "Testámos todas as técnicas de Dianética!", sabem como é? Bem, mas que descaramento, não acham? Eles não as têm para as testar. Como é que eles podiam saber que tinham testado "todas as técnicas"? Começam logo por ser irresponsáveis. E depois dizer que "não funcionaram" é uma estupidez, porque se as tivessem testado, mesmo que desleixadamente, teriam obtido algum resultado nalgum lado, a não ser que estivessem a fazer uma declaração publicitária simplesmente para proteger interesses estabelecidos.

Mas isto não vem ao caso. A questão é apenas esta: sim, eles podiam ter tido todas as técnicas. Podiam tê-las tido todas. Não tiveram, mas podiam ter tido. E à sua maneira casual, atabalhoada, podiam ter testado estas técnicas, e elas não teriam funcionado, porque não havia um dianeticista entre todos eles. Não tinham lá ninguém treinado nas disciplinas básicas de Dianética, e isso era 50 por cento ou mais da tecnologia, que eles podiam ter coligido. Muito importante, estão a perceber?

Agora dou-vos outra situação: o Reg e eu, navegando por esse profundo mar azul, inventámos um curso que não tinha nada a ver com Cientologia, mas que tinha a ver com negócios e comércio, e no entanto, era uma aplicação muito geral da Cientologia aos negócios e ao comércio. Mas inventámos o curso por uma razão completamente diferente. O Reg achou que era uma boa ideia, foi para a frente e pôs o curso em prática, e o curso tem sido maravilhosamente bem sucedido. Está a decorrer neste momento, acho eu; e vai muito bem, percebem?

O único problema é que agora toda a gente está a tentar tomar parte. O curso é um gesto de boa vontade, não é mais que um simpático gesto de boa vontade; é uma tentativa de melhorar as técnicas de vendas, etc., dos retalhistas e dos seus vendedores, percebem, para movimentar mais equipamento e esse género de coisas, estão a ver? Foi para isso que o curso foi concebido. E toda a gente tentou tirar partido, vêem? Houve outras pessoas que começaram a ensinar este curso, ensinando os seus próprios cursos para atingir o mesmo objectivo, vêem? E recentemente uma companhia qualquer solicitou que o curso do Reg fosse dado a todo o seu pessoal, etc... Recebem pedidos deste tipo particular.

E o Reg logo ali fez uma afirmação categórica que se aplica mesmo bem a esta conferência, etc.. "Bem", disse ele, "não se preocupem com a concorrência ou com outras pessoas que estão a entregar este curso. Eles vão começar e fracassar, e por aí fora, mas não vão ser capazes de duplicar o curso".

Bem, foi assim que as coisas se passaram. O curso pôde prosseguir, eles puderam "ensinar cursos semelhantes", fazer isto, aquilo e aqueloutro, mas é claro que estão sempre conscientes, quanto mais não seja, de estarem a ensinar um substituto, e de não estarem a ensinar o verdadeiro. E as pessoas estão sempre vagamente conscientes do facto de não estarem a fazer o verdadeiro curso de técnicas de vendas.

Ora, isto por si só, vejam, tem - mesmo para o plagiário - bastante de overt, ou coisa parecida, de tal forma que ele então entra num alter-is obsessivo, e a afirmação do Reg de que eles não são capazes de duplicar o curso torna-se completamente verdadeira. Eles não são capazes de o duplicar e não o vão fazer, fim da história. E é provável que tenham aparecido outros cursos - não sei bem o que se passa, não estou muito a par, mas penso que nesta altura já apareceram e desapareceram outros cursos, e que aqui e ali a duplicação deste curso gerou muito entusiasmo, e acho que este ainda continua a ser dado. E com muito êxito. É provavelmente um dos mais simpáticos gestos de boa vontade em que participou uma companhia, há muito tempo.

Bem, é claro que uma das razões do sucesso do curso é o facto de ser cientologicamente orientado. Mas ele não vai ser duplicado e portanto não vai ter um sucesso tremendo.

Agora, vamos supor que eles ensinavam exactamente os mesmos métodos; isto é, que aplicavam a técnica ou alguma coisa a esses outros cursos que eles estão a ensinar e que são cópias deste, percebem? Vamos supor que eles faziam isso, etc.. Haveria ainda algum elemento em falta, de uma espécie ou de outra. A falta desse elemento ia fazer fracassar o curso que estivesse a ser ensinado.

Não quero alongar este símile mais do que é preciso, mas é simplesmente interessante que até uma coisa tão simples como ensinar alguns vendedores a ser simpáticos para os clientes e coisas dessas, até isso falhe quando se desloca para fora do seu próprio perímetro de disciplina. Portanto, até uma coisa tão simples como esta fracassa, vêem, essa coisa também fracassa; e é sempre assim.

Não sei quanta tecnologia uma universidade perde em virtude de todos os professores ganharem 90% do seu salário obrigando os alunos a comprar os livros que escrevem. Acho que na altura em que se acabou de rescrever James Watt já se perdeu a tecnologia da máquina a vapor. E é muitíssimo provável que, nos dias de hoje, não exista no mundo um único engenheiro de máquinas a vapor que compreenda realmente a tecnologia do vapor. Foi pervertida, deturpada e mal duplicada, etc..

E eu recordo-me de alguns desses velhos rapazes que sabiam do seu ofício, etc.. Uma vez, estava eu a fazer a reportagem de um festival aéreo, e havia lá um indivíduo - estava um belo dia de sol e ele de galochas e guarda-chuva. O guarda-chuva estava fechado mas ele tinha-o à mão. Estava um lindo dia de meados de Verão, vejam, e eu interroguei-me sobre o que um tipo daqueles fazia num festival aéreo - com todos aqueles pilotos audazes e coisas do género; e a reportagem era para o *The Sportsman Pilot*. Mas achei pitoresco e, sem ele se aperceber, tirei-lhe um instantâneo com a minha máquina de jornalista, e consegui saber o nome dele.

Chamava-se Young, e foi o segundo homem do mundo a voar, depois dos irmãos Wright. Ah-ah! Foi provavelmente um dos mais famosos pioneiros. Até corei, sabem? Tinha-se tornado prudente com a idade; mas no tempo dele (imagino que a sua prudência ainda não tinha chegado ao voo), mas no tempo dele era costume o avião descolar com uma ambulância a acompanhá-lo no solo.

É verdade! Assim salvavam mais pilotos. Era um homem destemido neste campo específico. Bem, fiquei muito interessado em falar com ele; acabei por escrever um artigo sobre ele, e ele mostrou-me os seus álbuns, etc.

E fascinou-me particularmente o facto de haver 13 métodos de voar - métodos de voar mais pesados que o ar - 13 métodos - dos quais o de asa fixa era apenas um, e a propósito, um dos menos apoiados. E uma das razões por que acabou por ser apoiado, ou acabou por ser posto em prática, é porque o seu fabrico não exigia muito engenho mecânico. Mas havia 12 outros métodos de voo mais pesados que o ar - mais pesados que o ar; não era subir de balão ou de zepelim. Há todo o tipo de métodos para manter aeronaves no ar.

Há o princípio da vara rotativa, se se atirar a vara de uma certa maneira ela zumbirá - girando sobre si mesma, sabem - zumbirá, e vê-la-emos curvar e subir na vertical. Fará a ascensão mais

incrível, e é só uma vara a rodopiar. Há muitos métodos de voar deste tipo particular.

Como se concentraram no de uma asa, este ganhou, percebem? E agora temos em todo o mundo aeronaves que se deslocam com uma asa rígida a sair da fuselagem, principalmente porque os pioneiros não tinham meios, ou o que era preciso, para construir uma coisa mais esotérica ou diferente, e portanto foi neste que concentraram a investigação, e este é aquilo a que agora chamamos avião.

Mas foi muito interessante ouvir o velho Sr. Young, que projectava essas coisas nessa época; foi muito interessante ouvi-lo dizer, com desapontamento, que aquele tinha sido o escolhido para fazer avançar a investigação, porque era um dos menos funcionais e um dos menos eficientes.

E ali estava um vasto corpo de tecnologia, vejam, que nunca foi desenvolvida e que se perdeu lá atrás nos primeiros dez anos deste século. Tantos métodos de voo; e nenhum deles foi para a frente. Bem, este que era fácil de fazer acabou por ser desenvolvido.

Bem, é muito interessante ver que um deles se destacou e foi para a frente; provavelmente é só isso que devemos ter em conta. Mas é quase comum, nas civilizações, surgir um corpo de conhecimento, que depois cai na rotina de uma certa especialização - uma parte dele, estão a ver - depois a duplicação dessa parte é fraca, e o resto da tecnologia perde-se.

Caríssimos, como eu gostaria de conversar com o James Watt sobre máquinas a vapor. É provável que ele nos pudesse dizer tudo sobre caldeiras de alta pressão. Vejam, ele só não teve tempo, dinheiro e materiais para construir uma. Mas talvez houvesse dezenas de métodos de utilização do vapor que simplesmente se perderam, percebem?

O que estamos a estudar agora é tecnologia perdida - tecnologia perdida. Mas, dirão vocês, "a civilização avança e acaba por triunfar seja como for". Pois bem, convido-vos a percorrerem 16 a 20 quilómetros em qualquer direcção, partindo do sítio onde estão em Saint Hill, e tentar não encontrar vestígios de civilizações que não triunfaram. Estão por aqui em todo o lado - civilizações que estão mortas, civilizações que se perderam, civilizações que já não estão connosco. Todas desaparecidas por causa de terem perdido a tecnologia. Começam por se especializar numa engenhoca, não há nada para desenvolver essa engenhoca, e acabam por perder as peças dela e a engenhoca desaparece. A civilização pode muito bem depender dessa engenhoca, mas não têm com que apoiá-la. Por outras palavras, perdem-na. Fascinante, as voltas que as coisas dão.

Então, muito mais se pode dizer sobre estas civilizações, mas a única coisa que estou a salientar neste momento é que elas não estão cá. Vejam, não estão presentes. Não as temos cá. E para civilizações foram boas civilizações: a civilização romano-britânica, a civilização dinamarquesa que esteve aqui, a civilização saxónica aqui - todas elas tão diferentes; a civilização normanda que esteve aqui. Estão por todo o lado.

Que tal a civilização celta que existiu antes? Deve ter sido uma civilização e tanto! Acontece ler-se que havia bigas de vime a atacar através da Floresta de Ashdown. Que coisa é esta - bigas de vime disparadas pela Floresta de Ashdown fora? Bem, é o nosso bom amigo César que assim o relata.

Bom, esta civilização foi à vida. Não sabemos nada dela. Deve ter sido bastante avançada. E no entanto o teatro desta batalha, etc., fica dentro de um raio de cerca de 15 quilómetros de Saint Hill. Então, para onde foi essa civilização? Que se passou? É uma civilização bastante esotérica - bigas de vime, percebem? Talvez se tenham esquecido da maneira de entrelaçar o vime. Quem sabe o que aconteceu a essa civilização, estão a ver?

Ora, a situação que temos aqui é que a tecnologia se perde, e nós temos de estudar o modo como se perde. E perde-se porque as pessoas não sabem estudar. Esta é de facto a única razão

por que se perde. É um fundamento muito interessante, reduzir tudo a esse fundamento específico. Portanto, não entramos na doutrina esotérica de "Eles não eram capazes de duplicar" e "Eles não eram capazes disto ou daquilo", mas isso é apenas o porquê de não saberem estudar.

As civilizações tendem a progredir até alcançar um certo apogeu, e depois, devido à tensão do combate e de vários elementos, etc., começam a perder a sua tecnologia. E perdem a tecnologia simplesmente porque ninguém estuda a tecnologia.

Que me dizem deste indivíduo, o ourives de prata de Inglaterra? A Inglaterra já não produz a prata que produzia. Os seus artífices de prata eram muito famosos, mesmo muito famosos. E depois veio um governo Trabalhista que aumentou tanto o imposto sobre a prata, que a prata britânica já não se conseguia vender. Foi o mesmo que encostar o ourives britânico à parede e dar-lhe um tiro, porque ele depois desviou-se para outros ofícios e a tecnologia perdeu-se; e neste momento é uma tecnologia praticamente perdida. Então, esta só se perdeu mais ou menos na última década. Teria de se conversar intensamente com gerentes de joalharias, com esse tipo de pessoa, para compreender porque é que não se consegue comprar prata. Pode-se comprar prata antiga, pode-se comprar prata do passado; ainda há duas ou três casas abertas, etc.

Bem, que me dizem destes indivíduos? Há por aí indivíduos que aprenderam isto, há muitos manuais sobre este assunto e esta tecnologia ainda existe, mas vai-se perder. Com toda a certeza que se vai perder. E, então, o velho artesão que ficou na fábrica? Vejam, ele sabe tudo sobre o assunto. Está cercado de pessoas, e de repente poderia haver um ressurgimento daquilo. Bem, toda a gente está simplesmente dependente dele; não aprendem o ofício. Vejam, dependem simplesmente dele para saber o ofício. E tudo vai dar ao beco sem saída que é não ser capaz de aprender, não saber estudar.

Bom, sempre me orgulhei de ser rápido no estudo, por isso posso falar com bastante conhecimento de causa nesta área específica. Mas conheço a minha própria história neste campo, e conheço os meus próprios pontos fracos neste campo. Quando ficamos menos preocupados com o nosso estatuto mental ou com algo do género, podemos examiná-lo de facto, verificar se existe algo errado nele, e ter a coragem de admitir que pode ser melhorado num ou noutro ponto.

Uma das coisas que o estudo tem, é que há por aí uma grande quantidade de coisas que são falsas, e podem-se estudar muitas coisas falsas e ficar desiludido com o estudo como consequência disso. Esta pode ser uma das razões pelas quais se poderia deixar de estudar. Na verdade, não vejo que isso tenha alguma coisa a ver com isto, a não ser por introduzir a ideia de um juízo sobre o que se está a estudar. Assim, se uma pessoa estudou sem nenhum juízo sobre o que estava a estudar, ou sem capacidade de avaliar o que estava a estudar, ou sem saber o que estava a estudar, então, a sua capacidade de estudar seria de facto muito pobre. Ela pareceria simplesmente um chinês.

Não é que haja algo de mal nos chineses, mas lembro-me de quando andava na escola, no oitavo ano, acho eu. Andei alguns meses no liceu. Passei alguns meses a andar de escola em escola, todas em postos e sítios diferentes. E o que aconteceu no oitavo ano foi que ninguém conseguia a classificação de "Excelente", a não ser dois chineses que frequentavam a escola. E tinham aprendido a estudar, mas assim também os papagaios aprenderam a estudar, se é que a isso se chama estudar.

E punham-se de pé e recitavam de enfiada o número da página e o parágrafo e tudo o resto das tarefas do livro de História, e diziam tudo textualmente.

O trabalho de total duplicação mais maravilhoso de que já se ouviu falar; mas nem sequer sabiam de que universo se tratava, e quando se mudava uma vírgula ou se pedia uma opinião sobre a matéria estudada daquela maneira, fracassavam imediatamente, e isso aconteceu muitas

vezes. Eles tinham de se lembrar se era no meio do livro ou no fim do livro, no que respeita ao período a que se aplicava, e coisas assim.

O trabalho de duplicação a papel químico mais maravilhoso que eu alguma vez vi, e isso irritava os outros, estão a ver, porque eles tinham sempre Excelente+, e serviu como um exemplo tão terrível para o professor que, é claro, ele não dava nada que se parecesse com Excelente+ a um mero conhecimento da matéria, estão a perceber? As nossas prestações eram logo desqualificadas, e normalmente tínhamos a classificação de Insuficiente. Nunca lhes perdorei.

De qualquer maneira, e fora de brincadeiras, este é um caso de perfeita e completa duplicação sem um pinga de sentido ligado a ele; e é absolutamente fatal, de maneira que não é assim que se estuda. É fatal! Talvez fosse bom vocês serem capazes de fazer aquilo, mas para mim isso seria uma proeza mental, e eu acho que o estudo não tem a ver com proezas mentais. O estudo tem a ver com compreensão.

O estudo tem a ver, básica e muito precisamente, com uma coisa apenas: ter vontade de saber. É a primeira porta que tem de ser aberta para iniciar o estudo: ter vontade de saber. Se essa porta permanecer fechada, então corre-se o risco de entrar em coisas como textualidade total, sistema de decorar: corre-se o risco de entrar em toda a espécie de sistemas, e nenhum deles constitui qualquer conhecimento.

Agora, quando reconhecem que em Cientologia temos uma coisa - uma coisa - que não é muito fácil de pôr por escrito, e pode ser que nunca seja posta por escrito: a disciplina de como executar isso. Mas quando reconhecem que essa coisa é de facto difícil de transmitir por escrito, e é muito fácil de transmitir pelo exemplo (e aqui chamo a vossa atenção para o que disse mais atrás nesta conferência, quando referi que a disciplina de aplicação representava pelo menos 50% do que estávamos a fazer); e saliento que existe uma fragilidade envolvida na transmissão desta informação, que é o futuro sucesso de Cientologia, e essa fragilidade está exactamente aí. Ela pode muito facilmente tornar-se um assunto que não funciona.

O ponto importante aqui, é que toda esta tecnologia que pode ser passada a escrito, etc., poderia ser transmitida e o resultado ser igual ao da Universidade de Chicago: nenhum resultado, percebem? Porque lhe falta esse elemento: a disciplina de como executar isso.

Ora, quando vos digo que um auditor pode tornar-se tão bom que, numa sessão com uma enorme carga passada por alto, auditou de forma tão suave que absolutamente nenhum estudante ficou key-in nessa co-audição - espectacular! Vejam, isto é uma proeza de audição quase impossível. É como andar à volta da jaula do leão, reparem, com tanta destreza e habilidade que nem era preciso haver grades. Espectacular, não acham?

Bem, a que se deve isto? Isto é disciplina de audição. É a fórmula de comunicação, é isto, é manejar o E-Metro, é o que se faz e o que não se faz com o PC, etc. E não fazer nas sessões de audição as coisas que Mary Sue, nas demonstrações de TV, critica severamente como GAEs; é eliminar essas coisas, é manter essa disciplina - isto é mais de 50% da Cientologia.

Então, neste momento, devemos fazer isto superlativamente bem, aqui em Saint Hill. Porque, se algum daqueles auditores do grupo de co-audição tivesse cometido algum erro grave, um daqueles constantes GAEs que se vêem quando a pessoa cá chega pela primeira vez, ele teria acabado por dar cabo do PC, porque havia ali massa suficiente para esmagar o PC contra uma parede de tijolos até ele ficar feito numa panela, percebem? Não havia uma ligeira carga passada por alto para ser despoletada, percebem? Eles nem sequer se aperceberam de que ela estava lá, e iam auditando à volta dela de maneira tão suave que ela não fez ninguém ficar *cave-in* (desmoronado).

Bem agora, no reverso da medalha, no reverso da medalha, se eles logo de início tivessem

todos os materiais muitíssimo bem percebidos, e se a sua disciplina de audição - a sua capacidade de auditar - tivesse sido tão fraca quanto podia ter sido, com todos os materiais e tecnologia perfeitos e o processo a ser percorrido, eles teriam esmagado o seu PC contra a parede e feito dele uma panqueca cor de rosa. Estão a compreender? É o reverso da medalha!

Agora, se vocês percebem isto, podem perceber a observação que vos faço quando digo que a técnica é uma coisa, mas a maneira de a aplicar é o que faz o carro andar pela estrada abaixo; e essa coisa é a que tem mais probabilidades de se perder. As coisas podem andar enquanto um auditor for capaz de aprender a auditar.

Portanto, quando vos falo de aprendizagem, não estamos praticamente a falar do assunto da tecnologia. Sabemos a que grau pertence uma certa tecnologia etc., mas - eu próprio faço isto com muita frequência: anoto rapidamente o processo por baixo do E-Metro, para poder pôr o lápis - digamos que se trata de uma pergunta múltipla. Não quero envolver as minhas faculdades mentais, que devem estar concentradas na audição, em lembrar-me da pergunta com que o PC anda às voltas para responder. Não quero envolver as minhas faculdades mentais nisso, portanto simplesmente anoto os quatro ou cinco comandos, ou o que quer que esteja em rotação, e espeto o lápis naquele que está em curso no momento, sabem; e quando chego ao seguinte, ora bem, vejo que tudo está bem, baixo os olhos para o papel, refresco a memória da coisa e dou o comando outra vez, estão a ver?

E assim fico livre para auditar; isso não tem nada a ver com o assunto. De facto, há truques como quando se está a percorrer uma pergunta múltipla alternada, etc.; a afirmativa é o dedo indicador e a negativa o médio, e por aí fora, e vão-se tocando estes dedos com o polegar. Toca-se a pergunta afirmativa - estamos na pergunta afirmativa, bem, o polegar está no dedo indicador; pergunta negativa, o polegar está no dedo médio, e por aí fora. Assim não ficamos baralhados e não baralhamos o PC, nem temos de ficar ali a dizer "Ora, vamos lá a ver, agora o que é que eu..." sabem? Seria ridículo.

Portanto, francamente, além de classificar e saber onde a tecnologia pertence, eu diria que não há mais nada para aprender nessa área. Os comandos de audição não se aprendem. Sabe-se qual o tipo de comando que deve estar ali, isso aprende-se, mas o comando não. Bem, isto altera completamente a natureza de "O que é que devemos aprender, e de que aprendizagem está ele a falar?" Neste momento estou a falar de aprender a fazer isso, a aplicar isso, entendem? É disso que estou a falar.

Bom, é realmente fascinante aparecem por aí muitos indivíduos que só querem uns quantos processos para os poderem aprender, etc., e depois pensam que estão formados e podem seguir o seu caminho porque sabem que são capazes de os aplicar; e depois, por uma razão ou outra, parece que os processos nunca funcionam com eles, e não percebem por que razão não funcionam com eles.

Ora, o que ele devia aprender era este assunto da audição. Boletins relacionados com bons indicadores, boletins relacionados com ciclos de comunicação, e este tipo de coisas. Quais são as ferramentas deste ofício? Quais são as categorias dessas ferramentas, e por aí fora, e como se aplicam, e que critério se usa em relação a elas? Aprendam estas coisas bastante bem para se sentirem à-vontade com elas. Ora bem, isto são coisas para aprender. E no entanto, garanto-vos que essas coisas são consistentemente [constantemente] tratadas com superficialidade em comparação com uma engenhoca ou truque ou um processo, vêem? A pessoa, por outras palavras, terá muito gosto em aprender quais são os comandos de audição para isto ou aquilo, mas não terá absolutamente nada a ver com um ciclo de comunicação.

Ora bem, como sabem o ciclo de comunicação necessita de alguma aprendizagem, meus caros! Não se pode, mesmo de modo glibe, dizer: "Bem, é *blablabla e blablabla e blablabla*

blablabla, e começa e continua e acaba, e é tudo quanto ao ciclo de comunicação, e está tudo sabido. Muito bem, agora qual é o comando de audição, percebem? É isso que é importante".

Não, não é isso que é importante. O comando de audição não funciona a não ser que se alcance - a não ser que o comando chegue ao PC. E que chegue ao PC acompanhado de um certo... "Como é que se dá um comando de audição? Como é que o auditor deve agir? Como é que o auditor deve soar?" É isto que é preciso; E isto que faz com que o comando chegue ao PC.

Ora bem, tive uma experiência recente bastante divertida. Tenho os meus momentos mais descontraídos e decidi que era melhor fazer um estudo independente. Não faz sentido concentrarmo-nos demasiado num qualquer ponto específico, e eu ia disparado como um foguete na direcção dos materiais de Classe VI e a trabalhar muito neles e muito concentrado, e coisas assim, mas não imaginei que isso fosse manter a minha mente muito ocupada. Senti que também podia pegar noutro assunto que fosse completamente independente, sabem? Dava-me uma agradável mudança de atenção.

Então, há alguns anos eu tinha comprado inadvertidamente, e num momento de fraqueza, um curso de fotografia. E claro, desde miúdo que me dedico à fotografia; é um passatempo agradável, divirto-me muito com ele, e por aí fora. E uma vez ou outra, pois, vendi fotografias e assim por diante. É apenas um desses passatempos com que se brinca. Provavelmente seria classificado como amador avançado; em tempos fui classificado como profissional, quando andava na Universidade. Fazia muito dinheiro com a *National Geographic*, e por aí fora. Acho que ainda andam por aí uns livros de Geografia que têm fotografias minhas.

Mas a conclusão é que, já que a minha mente ia muito fortemente nesta direcção, decidi que já agora podia muito bem colocá-la também noutra direcção. E assim comecei a estudar este curso de fotografia por correspondência - do Instituto de Fotografia de Nova Iorque, um dos melhores - arregacei as mangas, e verifiquei que nunca tinha ido para além da terceira lição. Por isso decidi que aprenderia um pouco acerca do estudo, começaria e estudaria bem esta coisa, e obrigar-me-ia a avançar e a preparar todas as lições como um bom rapazinho, e a enviá-las ao seu destino, uma por uma, sabem?

Bem, quem diria! Quem diria! Foi a primeira vez na vida que aprendi alguma coisa acerca de estudar. Aprendi de maneira muito subjectiva e muito real alguma coisa acerca de estudar. A única razão por que vos digo isto não é para vos divertir particularmente, mas porque talvez sejam capazes de usar isto.

E é apenas isto: Comecei a interrogar-me sobre a razão por que tinha parado na terceira lição. Ia continuando tolerantemente a avançar no estudo das restantes lições, e por aí fora, mas por que razão tinha eu parado na terceira lição, e porque é que eu me ia atolando aqui e ali ao longo do processo? É que não estava a ser fácil.

Ora, é claro que isto da fotografia é um assunto, muito, muito extravagante, ocasionalmente muito árido e muitas vezes estúpido, porque entra na Óptica. Bem, nós queremos é tirar fotografias, não é estudar Óptica, percebem? Mas aparentemente a Óptica é uma coisa à qual as pessoas que querem que se saiba de fotografia dão muito valor, e aborrecem-nos com insistências acerca dela, percebem?

E depois há o assunto da Química, e a Química é muito interessante. Há muitos produtos químicos que têm algo a ver com a revelação da fotografia, mas disso não sabemos realmente muito, de facto. Se somos capazes de entrar numa câmara escura e produzir um bom negativo e um bom positivo, qual é o homem que quer saber algo acerca de Química, estão a perceber? A minha atitude era mais ou menos esta.

Mas continuava a estudar como um bom rapazinho e no fim passava nos exames. Cada

fascículo tem um exame. E subitamente percebi que, apesar de me interessar por ele desde os doze anos, não sabia nada do assunto. Que coisa horrível! Tirei fotografias, publiquei fotografias, pagaram-me por elas um bom dinheiro, em notas, tive fotografias em capas de revistas - um tipo muito habilidoso! E não sei nada do assunto! Atingiu-me como um raio! Por favor, é um assunto em que estou metido desde os meus 12 anos, nesta vida, e de repente percebi que não sabia nada disto. E não era um caso de súbita amnésia ou coisa do género. Era um pouco "É o quê?", sabem, e "É - é qual?"

E fiz logo uma revisão rápida das reacções que eu tinha tido, e fiz uma análise muito cuidada da coisa toda e do que tinha acontecido exactamente. Eu tinha obtido uma extraordinária realidade subjectiva acerca disto. Eu estava a estudar um assunto afim; estava a obrigar-vos a todos a estudar; devia saber alguma coisa sobre o assunto do estudo. E tinha começado, mais ou menos, até certo ponto, para aprender coisas acerca do estudo, e aprendi algo ali mesmo.

A tolerância que eu tinha para com eles tinha-me levado até ao ponto de estar perfeitamente disposto a aprender alguns truques com eles, e foi com esse estado de espírito que me meti no curso: estava perfeitamente disposto a aprender alguns truques com eles. Percebi que a minha arrogância quanto ao assunto era absoluta e indecentemente inqualificável. A minha arrogância era absolutamente fantástica!

Bem, reparem, estou metido nisto desde os doze anos. Estudei fotografia com alguns dos tipos que andavam por aí nessa altura. Alguns dos fotógrafos do governo e cientistas do Museu Nacional tiveram a paciência de me ensinar coisas sobre fotografia. Li livros acerca do assunto, li isto e aquilo, e até trabalhei em câmaras escuras profissionais. E a evidência estava mesmo à frente do meu nariz. Valha-me Deus! Até me davam dinheiro pelas fotografias. Costumava tirar fotografias para a Underwood & Underwood.

E eu dizia sempre que o problema da minha fotografia, à medida que eu ia avançando no assunto - eu tinha uma boa explicação para tudo - o problema da minha fotografia, à medida que eu ia avançando no assunto, era eles estarem sempre a mudar de método. Eu tinha uma boa explicação para tudo. Portanto - bem, é verdade que, desde que me iniciei na fotografia, tinham aparecido máquinas fotográficas em miniatura, o filme pancromático, vários tipos de reveladores, lâmpadas de flash; eles mudaram estas coisas todas. Aliás, há uma coisa que eles me estão a mudar neste preciso momento: eu tinha um filme fabricado pela Bford, tão maleável que eu conseguia produzir um negativo de grão fino com ele, e eles foram mudar a velocidade do filme. Já não se encontra o filme antigo, e eu agora não sei como se faz. Eu estava - isto era eu a atirar culpas, percebem? Eles estavam-me sempre a modificar os materiais.

E a ideia que eu tinha começado a fazer, o que me estava a impressionar tanto nestes textos - porque é um bom curso profissional, vêem? Não é coisa para qualquer amadora - aquilo que tanto me estava a impressionar no texto já Mathew Brady sabia no tempo da Guerra Civil Americana. As bases e fundamentos que eu não conhecia já faziam parte dessa matéria desde 1860! Não tinha nada a ver com a modificação de materiais. Para começar, eu não conhecia o primeiro fundamento do porquê de aparecer uma fotografia!

E subitamente, nesse momento, despontou em mim com grande impacto a compreensão de que tinha sido muito arrogante, e que na realidade não sabia tudo o que havia para saber à face da terra sobre o assunto da fotografia. Na realidade eu não era nenhum mestre em fotografia por ter obtido alguns resultados no meu tempo, e havia ali coisas para aprender; foi isso que me impressionou. E, meus amigos, meti mãos à obra e comecei a estudar.

Agora, a velocidade de avanço é muito interessante: três livros em três anos e meio, oito livros em duas semanas; um antes daquela percepção e o outro depois daquela percepção. De repente olhei para o curso, a noite passada, e percebi que já ia a meio. Precisei de três anos e meio

para aprender os primeiros três dos cinquenta e tal livros que o curso compreende.

Porque é que eu era incapaz de avançar no curso? Bem, é que estava a estudar uma coisa de que já sabia tudo. Não era capaz de me pôr no estado de espírito descontraído de dizer "Olha aqui está uma coisa para estudar. Vamos a isso". Não, eu estava a estudar através desta barreira "Já sei isto tudo. Sei tudo o que há para saber sobre isto". Bem, são capazes de fazer o favor de me dizer então por que diabo estava eu ali sentado a estudar aquilo? Se eu sabia tudo, então por que razão estava ali sentado a estudar aquilo? E no entanto estava a fingir que estudava aquilo. E até para mim próprio fingia que estudava aquilo. Não me apercebia de que estava a fingir. Pensava que estava mesmo a estudar, percebem? Lia aquilo, sabem, e assim por diante; mas era tudo a partir do ponto de vista de que sabia tudo sobre o assunto. E a minha arrogância era tal que eu até estava perfeitamente disposto a aprender uns quantos truques com eles, e pensava que eu era muito tolerante.

Ora, o que tem piada, no estudo subsequente e etc., é que mudei totalmente o meu ponto de vista em relação ao assunto, todo o ponto de vista daquilo que me disponho a fotografar; e os meus padrões críticos do que é uma boa fotografia mudaram completamente. Até já critico os exemplos deles de fotografias perfeitas, vêem? Muito crítico, mas com crítica bem fundamentada.

Não era capaz de aprender porque sabia que sabia tudo sobre o assunto, vêem? Então isso passou com a percepção de que na realidade não sabia nada acerca do assunto; tinha que voltar atrás imediatamente, aos fundamentos, e estudar esses fundamentos. Depois de ter esses fundamentos assimilados, de ter esses fundamentos bem estudados, etc., e estando a avançar no curso, cheguei a um ponto em que não só estava perfeitamente disposto a aprender, como também estava perfeitamente disposto a discutir o assunto. Não estava numa condição servil quanto a aprender. Já conhecia os meus fundamentos. Podia ver onde se aplicavam, etc., e no âmbito e limites daquele curso educativo, era capaz de discutir. Por outras palavras, podia ter opinião. Já podia ter opinião; podia manifestar discernimento.

Antes não tinha discernimento sobre o assunto. Só tinha umas ideias fixas, só ideias fixas, e essas ideias fixas diziam-me que eu de facto sabia tudo o que havia para saber acerca do assunto. Foi então que descobri finalmente - o grande avanço foi ter descoberto que havia ali para aprender algo que eu não sabia. Não era uma questão uns quantos truques. Então fiz inversão de marcha e, com muito estudo, de repente consegui outro avanço: libertei o meu próprio discernimento.

Agora falava com qualquer um desses tipos. Há lá textos da autoria de fotógrafos muito famosos. Coisa boa, dura de ler e intragável, mas a um deles eu diria: "Ah, deixe-se disso", sabem? "Você está a falar assim, mas olhe esta foto aqui, o amigo, eu - como foi isto? Olhe, destruiu os detalhes com sobreexposição em todas as..". Isto teria sido legítimo. Ele também teria conversado comigo sobre o assunto. Eu diria: "Olhe aqui. Destruíu os detalhes com sobreexposição em todas as áreas claras. Simplesmente destruiu os detalhes completamente. Porquê? Por amor de Deus, ao menos podia ter remediado isso na câmara escura".

"Bem, pensei que ninguém ia dar por isso", teria dito ele.

E eu diria: "Bem, eu dei por isso".

Crítico. Não é que a crítica seja uma coisa má, estão a perceber; desenvolvi um olhar crítico, não tinha de falar servilmente: "Esta fotografia é de Sam Falk, da revista do *New York Times*, um dos maiores fotógrafos de exposições de todos os tempos. Portanto a foto é sagrada". Percebem? Passei completamente através disso, ao ponto de poder dizer: "Esta foto é muito boa. O tipo realmente tem mesmo o sentido da composição, um excelente sentido de composição. Que diabo estava ele a fazer nesse dia na câmara escura? Estaria bêbado?" Percebem o que quero dizer? E

podia ter posto o dedo num ponto em que tenho a certeza de que o próprio Sam Falk teria concordado comigo.

Ele diria: "Tem razão. Nem sequer reduzi a luz do ampliador por cima dessa área clara em que houve sobre exposição aqui na margem, e é por isso que as feições do tipo quase não se distinguem. É verdade, tem razão. Atrai a atenção para a margem da fotografia e não para o assunto principal. Tem razão, podia ter sido melhorada, podia ter sido melhorada na câmara escura". Ele não teria argumentado. Ou podia dizer-me: "Não faz ideia como o negativo é mau!"

Percebem o que quero dizer? Seria pois uma discussão sensata, porque entretanto eu tenho estudado até altas horas - de facto, até de madrugada; uso isto para adormecer.

Mas a questão que surgiu aqui, é que o servilismo fixo de uma pessoa em relação a algo existia porque, para começar, na realidade não compreendia esse algo, por isso precisava de ter opiniões fixas para se proteger.

"Perspectiva: Lida-se com a perspectiva fazendo uma coisa diminuir na distância. Bem, existe isto - se eu não tiver uma coisa para ir 'diminuindo na distância', a foto não terá perspectiva". Sabem, este tipo de ideia fixa servil sobre o assunto da perspectiva. Não dizem "Há muitas maneiras de dar um efeito tridimensional às fotografias". Vejam, esse seria um ponto de vista diferente, percebem? E "A perspectiva consegue-se de várias maneiras". Um ponto de vista diferente, percebem? Então, uma vez compreendido isto pode-se olhar para uma foto e dizer: "Bem, o fotografo dominava bem a perspectiva", ou não dominava. Percebem? Pode-se dizer: "Se o tipo tivesse dado mais dois passos para este lado, se calhar tinha conseguido uma profundidade diferente, e tinha ficado muito melhor, percebem? Porque, reparem, aqui estão algumas coisas úteis que ele podia ter aproveitado e não aproveitou".

Por outras palavras, há uma flexibilidade, uma flexibilidade de rota, por isso pode-se ter opinião em vez de ideia fixa ou ideia preconcebida. Há uma grande diferença entre o preconceito ou ideia fixa e a capacidade de ter opinião.

A opinião pode basear-se em muitas coisas. Mas quando se baseia na incapacidade de saber de que trata aquilo, antes de mais, a pessoa faz figura de parva, e de repente sente-se parva quando faz uma descoberta.

Tanto assim que as minhas ideias sobre o assunto da fotografia não estavam a ter como resultado uma fotografia acabada. Foi uma das primeiras coisas de que me apercebi de repente, sabem? Fez-se luz. Não foi necessariamente isso que me fez perder o ânimo quanto a isto. Já me tinha ido abaixo antes disso, mas só depois é que percebi. Bem, um tipo é bom na medida em que for capaz de acabar uma fotografia. Não tem a ver com mais nada. É óbvio que isso se pode fazer, portanto aí está.

E isto também incluía o exagero, o que podem achar interessante. Antes desta descoberta que eu fiz e de ter compreendido que não sabia que diabo estava a fazer quando peguei numa máquina fotográfica - sei limpar lentes e fazer todo o tipo de coisas, mas não sabia o que estava a fazer quando peguei na máquina fotográfica. Quero dizer, até mesmo pensar que sabia já era ridículo. Um pouco ridículo! Uns quantos golpes de sorte, sabem, e até parece que somos uns ases, mas que me dizem disto? Está um dia feio e queremos tirar uma fotografia, e se formos inseguros e não soubermos do ofício, e por aí fora, dizemos: "Bem, está um dia feio. É um daqueles dias em que não tiro fotografias". Percebem?

Ora bem, quando se conhece realmente bem a máquina fotográfica, não se presta atenção ao facto de estar um dia feio. Diz-se: "Oh, sim. Bom, muito bem". Zás-trás. "Que efeito se quer aqui? Luz do sol brilhante. Óptimo". Zás! Já está! Diz -se: "É de certo modo interessante; lá fora está muito nevoeiro. Bem, vamos arranjar ainda mais nevoeiro, vamos a isso - vamos fazer uma

fotografia fantasmagórica", percebem?

Quando se sabe do ofício, pode-se tirar partido das ferramentas, sob qualquer aspecto, vêem? Não se é vítima de tudo o que acontece. Não se é vítima de todas as pequenas estilhas que aparecem no caminho, percebem?

"Bem, hoje está um dia muito feio. Não há sol - oh, a fotografia fica para amanhã ou depois, para quando o tempo estiver melhor", sabem? Bem, o que é isto? Então quer dizer que se pode cometer um erro tão grande como não tirar nenhuma fotografia? Que é que vos parece?

E o tipo que não é capaz, que não consegue dizer: "Está bem, vamos lá ver", não é capaz de pegar numa máquina fotográfica e tirar uma fotografia, percebem? É suposto ele tirar uma fotografia. Bem, deve saber do assunto o suficiente para tirar uma fotografia. É bastante fácil. Só tem de se colocar perto daquilo que quer fotografar; se conhece muito bem as suas ferramentas, se conhece muito bem a técnica da câmara escura, consegue a fotografia. Vejam, consegue uma fotografia muito aceitável. Agora, quanto ao nível da fotografia que consegue, isso depende muito da prática e de coisas do género.

Portanto também aprendi, e de que maneira, a lição de que o que se passa à minha volta não tem necessariamente de determinar se eu obtenho ou não obtenho resultados. "Hoje o PC está natter, por isso não conseguimos muita audição". Que diabo! Vocês são auditores ou não são? Percebem? Quer dizer, basta! PC natter, PC não natter - o que é que interessa? Estão para dar uma sessão? Pois bem, dêem uma sessão. Então é preciso um pouco mais de tempo para pôr a sessão em andamento? Bem, ponham-na em andamento! A diferença é esta, estão a perceber?

Foram estas coisas que aprendi com este curto estudo paralelo, e eu próprio achei muito interessante pegar num assunto completamente diferente daquilo que estamos a fazer (já andava com ele há bastante tempo, mas apenas como passatempo), encontrar toda a espécie de materiais que têm a ver com o assunto do estudo, e descobrir que a primeira coisa que nos impede de aprender é a consideração de que se sabe tudo sobre ele. E se querem criar uma ridge (crista) no assunto da aprendizagem, meus amigos, não é preciso mais nada! Basta considerar que sabem tudo o que há para saber sobre o assunto.

E a próxima coisa é, não permitam que a ideia que têm daquilo que sabem - isto é muito divertido - não permitam que a ideia que têm daquilo que sabem seja contaminada de qualquer maneira pelo facto de não estarem a produzir.

Não estão a obter resultados, vêem? Não estão a obter resultados, e é muito óbvio para vocês que não estão a obter resultados, mas que isso não ponha em causa, por um momento sequer, a ideia de que sabem, percebem? Sim, que isso nunca vos leve a duvidar nem por um momento. Vejam, vocês não estão a ter resultados; vocês sabem que sabem; e o facto de não estarem a ter resultados não abala a vossa convicção de que sabem.

A outra coisa é a ideia da opinião fixa. A pessoa tem de ter certas opiniões fixas para encobrir a realidade de que é estúpida quanto ao assunto, de que não é capaz de exercer discernimento de qualquer espécie enquanto estiver atolada em opiniões fixas. E que depois esse discernimento, então, depende de se libertar das opiniões fixas e, na realidade, de uma boa avaliação: sabem o que sabem, sabem o que não sabem, percebem? Sabem o que sabem e sabem o que não sabem. Por outras palavras, não estão a lutar contra uma coisa quimérica. Não estão a defender, para vocês mesmos, a vossa nebulosa reputação de quão sábios e maravilhosos são. Estão descontraindo quanto a isto, vêem? Podem dizer: "Bem, desta parte aqui não sei nada. Tenho de ver isto um dia destes". Mas ao mesmo tempo isto não vos leva a sentir que não sabem aquilo que de facto sabem.

A utilização do discernimento depende portanto de se conhecer a fundo o assunto, e se não

temos discernimento sobre um assunto, então é porque não o conhecemos. É só isso. Se verificarmos que o nosso discernimento é muitas vezes falso ou deficiente nalguma área, então devemos compreender que isso é sinal de que, de uma forma ou de outra, talvez não saibamos tudo o que há para saber acerca da situação em causa, vejam. Se o discernimento for deficiente, então deve ser por falta de conhecimento do assunto.

Portanto, em resumo, em resumo, a capacidade de aprender do auditor não depende necessariamente de ele dizer que é mais ou menos estúpido, mas depende certamente da sua vontade de aprender - só da vontade de aprender. Ele quer aprender, etc. E a barreira que, por si só, é a maior de todas é a ideia preconcebida de que sabe, a qual não é acompanhada por um único resultado.

Consideremos, por exemplo, uma observação como esta: "Bem, eu - eu sei Cientologia. Estudei Cientologia durante muito tempo e conheço-a muito bem. De facto audito muito bem. É claro que não tenho resultados muito bons". Bem, isto é a mesma coisa que dizer: O que é certo é que ele não está a obter resultados - resultados que podem ser obtidos; ele já ouviu falar neles, já os viu por aí, etc.; os resultados podem ser obtidos, mas esta realidade não abala a sua confiança implícita de que sabe tudo o que há para saber relativamente ao assunto, percebem? Não o abala nem por um só momento.

Bem, é claro que se trata apenas de falta de percepção. O tipo não vê. Não é capaz de ter discernimento relativamente à sua própria competência. Portanto, o seu discernimento, relativamente àquilo que está a fazer está ausente até esse grau. Ele afirma que o preto é branco. Não é capaz de fazer uma coisa, mas sabe tudo sobre o assunto. Sabe tudo o que há para saber no que respeita a fazer essa coisa, e no entanto não é capaz de a fazer. Bem, isto é uma parvoíce, e é o mais baixo discernimento sobre qualquer assunto específico.

Quando começamos a examinar este tipo de coisas, verificamos que quase toda a gente é encorajada a pensar em prestígio em algum sector específico. O prestígio tem muito a ver com isto, sabem? E a pessoa é levada a sentir que tem de proteger o seu próprio prestígio por meio de uma certa arrogância ou falsa aparência, mesmo de si própria. A pessoa tem de pensar bem de si própria, estão a perceber, fingindo que sabe algo, ou parecendo a si própria que é muito inteligente, ou... etc. Na realidade, podem pôr isto sob o título de "auto-estima", é um dos métodos de apoiar a auto-estima. Não há nenhum mal especial nisto. Estou a chamar a atenção para isto de maneira muito suave. É necessário que um indivíduo se sinta de alguma forma confiante em algum campo de acção. Mas também é muito interessante ver que esta necessidade de prestígio e auto-estima se evapora na presença de conhecimento verdadeiro, e que uma verdadeira estima toma o seu lugar.. E é essa estima verdadeira que mais impressiona o próprio e os outros, porque produz resultados. Não há argumentação contra a competência, mesmo nenhuma argumentação.

Portanto, isto realmente não se resume ao teste de: "O que sabe a pessoa?", resume-se ao teste de "O que é que a pessoa é capaz de fazer?" E se a decisão for tomada com base no que não é - bem, meus amigos, a Psiquiatria seria um bom exemplo disto. Detesto desacreditar estes fulanos porque de qualquer maneira eles já estão a ser feitos em pedaços, mas deixem-me dizer-vos, nunca nada me surpreendeu tanto como esta pandilha específica. Não é que eu esteja terrivelmente fascinado com o que eles estão a fazer. Mas sabem uma coisa, uma vez li de que constava o exame de formatura em Psiquiatria, e querem saber, constava apenas da data, contexto, título e local de publicação das conferências de Freud! Não do seu conteúdo! Não de "O que é possível fazer no campo da Psiquiatria?" Era só isto: "Quando foi dada a conferência? Qual era o título?" estão a ver, e "Em que publicação apareceu?" E aquilo era um exame para um diplomado, o grau mais elevado de Psiquiatria!

Oh, ainda vai aparecer um psiquiatra qualquer, porque eles andam sempre a tentar fazer toda a gente passar por mentirosa, um deles aparece e diz: "Ah, isso não é verdade, não é verdade, não é verdade".

E vocês dizem - é o que eles estão a fazer lá em Melbourne neste preciso momento.

"Ah, isso não é verdade, isso não é verdade, isso não é verdade. E também, ele realmente não sabe nada de psicanálise", etc..

"Bom, não é verdade que a psicanálise afirma ser o sexo o impulso básico da vida?"

"Bem, sim".

"Bom, o artigo diz isso não é?"

"Diz".

"Então, isso é verdade na psicanálise?"

"Bem, é sim; mas, reparem, o Hubbard não sabe nada de psicanálise". "Então, o que é que ele não sabe de psicanálise?" percebem?

"Oh, bom, não sabe nada disso, simplesmente porque não sabe nada disso",
etc..

"Bom, de que psicanálise está você a falar..".

"Bem, não sabemos. Há vários tipos de psicanálise". Vai sempre parar a este tipo de discussão. Tentar falar deste assunto específico é como entrar num pântano, percebem? Portanto não é muito sensato.

Bem, estou só a assinalar que isso é pura idiotice - é realmente idiotice pura.

(1) Conseguiram aprender alguma coisa com essa conferência? E (2) Como é que foram capazes de aplicar isso? E (3) se o fulano soubesse realmente do assunto, ele seria capaz de responder à pergunta seguinte. Se realmente soubesse algo do assunto, saberia responder à seguinte, que é: Bem, qual é a sua opinião sobre o assunto? Que opinião tem acerca dessa matéria? Percebem? Se ele realmente conhecesse o assunto e tivesse estudado aquilo, e realmente soubesse e fosse capaz de aplicar, e por aí fora, então ele teria uma opinião livre sobre o assunto. Não teria de estar a proteger-se com as suas opiniões livres. Reparem, não teria nada a ver com estima ou com coisas do género. Ele teria apenas uma opinião livre sobre o assunto, percebem? Por outras palavras, teria discernimento.

Mas se se concentram em: "Diga lá qual foi a conferência, e a data, e onde foi publicada, e é tudo quanto tem que saber acerca disso," sabem, é claro que não lhe ensinaram nada além do que se pode aprender pelas fichas da biblioteca. Bem, isso não tem nada a ver com doingness.

Bem, em fotografia (de que me servi apenas como assunto lateral mais ou menos interessante) o teste é, evidentemente, se somos ou não capazes de tirar uma fotografia. Parece bastante óbvio, não acham? Seria - é diferente de - bem, concluem que a fotografia agora é uma arte, o que é interessante, porque só muito recentemente ascendeu a essa categoria. O Museu Metropolitano e outros expõem agora fotografias como obras de arte, mas outrora não era assim.

Ora, podem haver críticos no campo da pintura apenas por saberem de pintores e quadros, e coisas desse género, e eles podem ter opiniões sobre o assunto. É provável que estas coisas sejam muito básicas, e está tudo muito bem porque se trata de um campo muito vasto e muito complexo. E talvez possa haver, no campo da fotografia, críticos que não tenham realmente que ser capazes de produzir fotografias. Talvez só saibam criticar fotografias, e talvez até com uma certa profundidade.

Mas o que é curioso é que logo que se sai de um domínio puramente artístico para entrar num domínio técnico, surge esta questão crucial: Como diabo vai ele saber se aquilo é ou não um bom trabalho de câmara escura? Ele teria de saber o que é possível fazer na câmara escura, portanto teria de responder à pergunta "O que é que se faz numa câmara escura? Isto é melhor ou pior do que aquilo que é feito na câmara escura?" porque enfrenta este facto técnico.

Aqui impõe-se um aspecto técnico, o que não acontece com a arte. Podemos pegar numa mão cheia de lama, atirá-la a uma rocha e dizer: "É um grande quadro". Percebem? Bem, até pode ter forma e desenho. Quem é que vai saber? E isto porque não há um verdadeiro suporte técnico no que respeita à arte em geral, este assunto imenso, extenso e amplo, percebem? Dependendo acima de tudo se a uma pessoa agrada ou desagrade alguma forma, cor, objecto ou significância. Basicamente ela produz uma opinião de qualquer maneira.

Mas no momento em que se entra num aspecto técnico, quando se entra na área técnica, bem, aí tem de se saber o que é possível fazer, tem de se saber se está bem feito, o que está a ser feito e o que não está a ser feito, percebem? Portanto, teria de se saber isto muito bem antes de se poder ter uma opinião importante sobre o assunto.

Por outras palavras, pode haver, muito legitimamente, críticos de arte, mas acho que não é de facto possível haver críticos de fotografia que não saibam realmente bem a sua fotografia. Reparem, teriam de saber bem fotografia para serem críticos, porque teriam de ter o raio de um termo de comparação.

E, na realidade, não é possível haver críticos de audição que não saibam auditar. Não é possível criticar audição quando não se sabe auditar. É preciso saber o que pode ser feito e o que não pode ser feito.

Acho que qualquer um aqui que tenha recentemente saltado os obstáculos da co-audição, e por aí fora, seria um óptimo crítico de audição: não na base de se lhe dar um exame para descobrir o que ele sabe de audição, mas apenas na base de experiência e erro das duas ou três últimas semanas. Esse é que é o verdadeiro teste, meus amigos. Acho que não vai voltar a haver outro teste como este, nunca mais. Provavelmente não haverá tanta carga passada por alto, percebem? Mas é um teste espectacular; não foi feito de propósito, nem nada do género, aconteceu assim e, pronto. Que teste fantástico! Essa gente tem mesmo que saber auditar, vêem? É esse o teste, porque em circunstâncias semelhantes provocam-se quebras de ARC ao PC que está a percorrer *'itsa'*- oh, vocês perceberam a comparação; muito simples. Ah-ah-ah, estão a perceber?

Muito bem. Então isto diz-nos que tem que haver uma diferença enorme entre um auditor da co-audição de Nível VI e alguém que provoque quebras de ARC ao PC que está a percorrer *'itsa'*.

E aposto com vocês em como o auditor que está agora na co-audição de Nível VI, se lhe pedirem a opinião sobre audição, provavelmente vai dar uma opinião muito honesta, sem constrangimento, muito certa e muito firme - *tac-a-tac-a-tac-a-tac-a-tac-a-tac*.

Perguntem-lhe qualquer coisa como: "Fulano está a auditar bem ou mal?" ou coisa parecida. Ou: "Essa é a maneira correcta de auditar?", etc.. Ele dará uma opinião digna de nota, vêem? *Pimba. Pimba, pimba*. Não estará preocupado com o prestígio, vêem? Ele dará simplesmente uma opinião honesta sobre o assunto, vêem? E peçam também a opinião ao que é capaz de provocar quebras de ARC ao PC que está a percorrer *itsa*, e este dará um ou dois dados fixos e não será capaz de dar opinião honesta que preste.

E mais uma coisa que seria diferente: aposto que a pessoa que agora está na co-audição de Nível VI, se lhe dessem uma coisa para estudar, etc., seria capaz de descobrir o que ali estava e saber que conhecimento ali estava, sem questionar se aprender aquilo é ou não é bom, mau ou indiferente, ou se é prejudicial ou não para ele aprender aquilo, ou se é ou não é isto ou aquilo,

ou se já sabe aquilo tudo ou não. Não haveria muito esse tipo de discussão.

Mas quanto à pessoa capaz de provocar uma quebra de ARC a alguém que está a percorrer ita: meus amigos, não se metam com essa arrogância! Ela sabe tudo o que há para saber sobre o assunto; desde o princípio que sabe tudo o que há para saber sobre o assunto; ela sabe tudo o que há para vir a saber sobre o assunto; sabe tudo na perfeição, e sentir-se-ia muito ofendida se se sugerisse que havia algo do assunto que ela não sabia. Estão a perceber? Haveria esta diferença significativa. Se ao mesmo tempo lhe perguntassem se estava disposta a aprender, bem, ela daria uma resposta evasiva. Claro que não está. Ela não está disposta a aprender o assunto. Baseia-se na falsa premissa de que sabe aquilo tudo. Bem, é melhor perguntar-lhe: "Que estás tu aqui a fazer? Então porque é que estás a estudar isso se já sabes tudo?" É possível que isso lhe dê um abanão.

Mas na realidade este auditor só precisa de ser abanado quanto a esta questão. Ele não está a ser mau, está só a ser arrogante. Falta-lhe a humildade da grande sabedoria, e no lugar desta ele tem a arrogância do "sei tudo", quando não sabe nada. Nem sequer sabe o que não sabe.

E é aí que estão os portões do estudo; estão aí mesmo. É esse o portão do estudo, esse portão que temos de arrombar, que temos de deitar abaixo antes de tomar qualquer caminho que leve a qualquer assunto. E não interessa se é audição ou fotografia. Acho que isto é válido uniformemente e do princípio ao fim.

Portanto tenho andado a fazer salto de obstáculos num assunto completamente alheio e diferente, e verifiquei que certas coisas são válidas, e comparei-as com as experiências que tenho tido ao tentar transmitir, interpretar ou ensinar Cientologia, e por aí fora, e verifiquei que são válidas. Verifiquei que são sempre válidas. Posso dar como exemplo dezenas de histórias de caso e não me consigo realmente lembrar de muitas exceções fora deste campo, e até vos posso dizer - vocês dizem: "Bem, há o caso daquele fulano que não vê e não sabe a língua", e coisas assim. Não sei. O que se passa com ele para não ver nem saber a língua? Deve ser realmente muito arrogante! É muito, muito estranho, mas verificaram que isso também é válido aqui.

Se não acreditam, falem com um arganaz acerca dos hábitos do Homem. Podia ser uma conversa bem divertida, se pudessem falar com ele. E aí, meus amigos, aí vocês encontrariam arrogância. Electrónica, Física Nuclear - ele nunca ouviu falar em nada disso, mas sabe tudo acerca disso.

Se alguma vez nós, em Cientologia, fôssemos derrubados, seria unicamente neste ponto. E é praticamente o único ponto onde a nossa tecnologia poderá sucumbir. Não sucumbirá por se perder ou por ir desaparecendo e todo esse género de coisas. Não se perderá dessa forma, porque vamos fazer tudo para que isso não aconteça. O único ponto que pode fazer com que ela se perca é a falta de vontade de a aprender, e o único ponto onde isso se pode perder é simplesmente não saber nada dela e não saber, em especial, que a pessoa não consegue aprender porque pensa que não há lá nada que ela não saiba, e sente que sabe tudo sobre ela e assim não a aprende. É um fundamento muito tolo, é quase um fundamento idiota. É como "A maneira de atravessar o rio é atravessando o rio", sabem? Quer dizer, é um daqueles dados estúpidos; mas os dados estúpidos são os que têm tendência a perder-se e que, em última análise, é muito inteligente lembrar.

Vocês vão enfrentar sempre dificuldades se não chegarem ao verdadeiro fundamento, e o verdadeiro fundamento é sempre estúpido e sempre disparatado e realmente não vale a pena sabê-lo, e é por isso que fica até ao fim dos tempos sem lhe fazer 'as-is'. E ele próprio permanece ali pela mesma razão: ninguém se dá ao trabalho de o conhecer.

Tentar ensinar um selvagem qualquer a atar os sapatos será sempre um processo enervante, se ele não tiver nenhum motivo para usar sapatos e não souber o que são, etc.. Começa-se por

cima ao tentar ensiná-lo a atar os sapatos; e não se lhe ensinou que, se quiser parecer civilizado, deve usar sapatos.

Reparem, ao ensinar alguma coisa a alguém pode-se sempre falhar redondamente quando não se começa pelo nível mais baixo de entrada e realidade no assunto. Há sempre uma primeira lição para dar. E a instrução falha por não se isolar a primeira lição a dar. Há numerosos exemplos. Podia dar-vos toneladas de dados só sobre este assunto. É muito interessante.

Mas quanto ao tema da aprendizagem em si, o primeiro dado a ensinar e a primeira barreira a derrubar tem a ver com: "Porque é que estás a estudar se, à partida, já sabes tudo sobre o assunto?" Este é o primeiro dado, eis o fundamento, eis o alicerce no assunto da aprendizagem de uma matéria. E se nos lembrarmos disto, não teremos problemas quando tentamos ensinar alguém. Apercebemo-nos de que a pessoa está a passar um mau bocado, está a levar muitíssimo tempo a aprender; bem, então é melhor irmos directos ao alicerce no assunto da educação, e a primeira coisa que vamos descobrir é que a pessoa sabe tudo sobre o assunto; e o que temos de fazer a seguir é, se sabe tudo acerca do assunto então por que razão está a estudá-lo?

E depois, de uma maneira ou de outra, temos de arrombar essa porta. E uma vez arrombada a porta, pode-se aprender o que se quiser a partir daí à velocidade de um foguete.

De acordo?

Espero que isto vos possa servir de ajuda.

Muito obrigado.